

Taíla Barbosa Gomes Santos

**ENSINO DE ARTE E EDUCAÇÃO ESTÉTICA: UMA NECESSIDADE NA
FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO**

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2013

Taíla Barbosa Gomes Santos

**ENSINO DE ARTE E EDUCAÇÃO ESTÉTICA: UMA NECESSIDADE NA
FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Colegiado de Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Patrícia de Paula Pereira

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2013

Introdução.....	04
Arte: uma necessidade coletiva e individual.....	06
Estética e Percepção.....	06
Arte e Imagem na Sociedade.....	08
A relação do homem com a imagem.....	13
A ideia de uma arte intrínseca ao Homem.....	13
Arte e vida: uma demanda coletiva e individual.....	16
Necessidade da Arte e da Educação Estética.....	19
A Arte na Educação.....	19
A Experiência Ensino/Aprendizado de Arte.....	22
In Confidente: uma proposta para Arte-Educação.....	24
Do Diário de Bordo à Caixa de Artista.....	27
Um processo de imagens.....	27
Considerações Finais	35
Referências Bibliográficas	37

INTRODUÇÃO

Certo dia, indaguei-me sobre o porquê de ter escolhido cursar A Visuais e não encontrei uma resposta concreta. Em minha mente estava claro o motivo, quase óbvio, porém, as palavras não formavam sequer uma frase que correspondesse ao que sentia. Esse fato intrigou-me assustadoramente: como poderia ser tão difícil traduzir em palavras uma sensação tão concreta e intensa? Percebi, então, o motivo dessa curiosa incoerência: a Arte está além do discurso, além da linguagem e além das palavras. Sua atuação encontra-se em um nível sensorial, perceptivo e intuitivo.

Essa constatação abriu a possibilidade de ver a Arte sob outra ótica. Comecei a observar a maneira como surgiu a Arte e as diferentes manifestações artísticas e refleti sobre esse seu caráter intuitivo. Imaginei, portanto, que para ser intuitiva, a Arte precisava ser intrínseca ao homem, inerente à condição humana. E foi a partir dessa hipótese que passei a entender a imagem e seu aprimoramento como necessidades do indivíduo e da coletividade.

O processo de formação do ser humano demanda a imagem. A linguagem pede o domínio da imagem, o tato, o paladar, o olfato, a audição, todos os sentidos colaboram para a expressão de imagens mentais. O homem pensa com imagem, sente com imagens, e não pode separá-las do seu raciocínio e percepção. Por isso, torna-se essencial que o Ensino/Aprendizagem em Arte esteja presente de maneira significativa na trajetória escolar de todas as crianças. Entender a relação humana com a Arte significa entender a relação homem e sociedade, homem e expressão, homem e reflexão.

Se conceituarmos a Arte como uma necessidade humana, estreitamos os laços entre homem e imagem e, conseqüentemente, vemos a importância de uma formação mais específica e aprofundada no processo de educação dos indivíduos. A Arte sendo essencial para o desenvolvimento da sociedade é assunto pertinente da Educação e da Escola Básica. Aprender a lidar com a expressão artística e ampliá-la faz parte da vida humana e, experimentar tal possibilidade no processo de formação básico, não deveria ser um privilégio social. Por isso, o ensino da Arte deve ser tratado com a seriedade que lhe é

característica. É sobre tais aspectos que procuro discorrer brevemente, expandindo as reflexões e propondo novos recortes e pontos de vista.

Para isso, dediquei-me a três etapas principais de construção textual. Na primeira, que corresponde ao capítulo 1, inicio a discussão sobre o papel da percepção e da estética na sociedade e a importância de uma visão crítica. No segundo capítulo, abordo principalmente a relação do homem com a imagem de uma maneira intuitiva, inata e que tange vários aspectos da vida humana. O terceiro capítulo dá ênfase para a necessidade de um processo educativo voltado para as questões sensíveis e artísticas na formação do indivíduo. É nessa etapa que relato algumas de minhas experiências e exponho uma proposta de material didático para o ensino de Artes Visuais.

ARTE: UMA NECESSIDADE COLETIVA E INDIVIDUAL

Estética e Percepção

Todas as habilidades humanas necessitam de experiência para terem suas possibilidades ampliadas e serem realizadas com qualidade e desenvoltura. A percepção estética, assim como as outras capacidades do ser humano, também demanda experiência e investigação. Entendemos por percepção estética o ato de perceber o mundo e seus elementos com os sentidos, sofrendo influência intensa e constante dos elementos subjetivos do indivíduo que percebe. A percepção é, por assim dizer, uma mediação entre ambiente exterior e sujeito, que se constrói a partir de estímulos sensoriais físicos, dados íntimos e significados éticos, estéticos e emocionais (DORFLES, 1967). Trataremos aqui a Estética em seu sentido arqueológico, ou seja: a *Aesthesis*, palavra de origem grega que se relaciona com a capacidade sensorial e sensível do homem. Por mais simples que seja, o ato de perceber movimentada inúmeros mecanismos e reações físicas e sensoriais. Fato que dá o aspecto sensível à percepção e torna possível sentir o mundo com o corpo.

A sensibilidade é assunto complexo e dinâmico. Muitos acreditam que o ser sensível é aquele que se entrega de maneira romântica e trágica aos sentimentos. Essa é uma idéia equívoca e preconceituosa do que possa vir a ser sensibilidade. Mário Pedrosa, em *Mundo, Homem, Arte em Crise* (1959) faz uma breve análise do que realmente é ser sensível e afirma que a sensibilidade é inseparável da lógica e do raciocínio discursivo. A sensibilidade é força motriz de nossos atos, estejam eles ligados à arte ou não. Não é possível medir a sensibilidade de alguém, mas é possível identificar qual tipo de sensibilidade é mais forte em alguém ou alguma obra. Muitos são sensíveis à delicadeza da linha, outros são sensíveis à intensidade da cor. Isso significa que todos possuem alguma espécie de sensibilidade, porém, sua percepção é mais tocada por algumas sensações que outras. Pedrosa (1959) ainda acrescenta que é preciso perceber que a sensibilidade não reside apenas no meio artístico e que, políticos, cientistas e várias outras funções humanas demandam um tipo diferente de sensibilidade. Os nossos sentidos trabalham juntamente com a nossa sensibilidade (que possui caráter mais subjetivo) para formar a nossa percepção.

Possuímos cinco sentidos que formam a nossa percepção. São eles que em conjunto estruturam a imagem e pensamento que construímos sobre os objetos externos com os quais entramos em contato. Ao longo de nossas vidas fazemos associações entre imagens, memórias, fatos, palavras, sensações e sentimentos incessantemente. Segundo Sartre (1936), o pensamento humano tem por característica ser fortemente vinculado à imagem e à sensação, chegando a ser inseparáveis. Tratarei aqui, sendo assim, da imagem como um produto da percepção humana, em relação aos objetos exteriores, que envolve os cinco sentidos: paladar, visão, tato, olfato e audição, trabalhando conjuntamente e que fazem ligação direta com o pensamento e o universo subjetivo do indivíduo.

Através dos sentidos elaboramos opiniões, nos identificamos com formas, cores, cheiros, ruídos, texturas, conhecemos o mundo e o outro. A percepção nos proporciona uma infinidade de sensações e nos permite entrar em contato com incontáveis realidades, objetos, formatos e figuras. Perceber o mundo ao nosso redor faz parte do nosso processo de formação individual, por isso sentimos o mundo e aprendemos, copiamos, reinventamos e criamos todo o tempo. Podemos associar toda a realidade que nos cerca à imagem, assim como podemos fazer conexões entre tempo, memória e imaginação dentro de nossas mentes. Essa é uma das capacidades do ser humano de raciocinar por meio de imagens.

Sabemos que a Arte é uma das áreas de conhecimento que possibilita o estudo da imagem e as suas relações com a vida humana. A Arte vem provocar o homem de modo a ampliar sua capacidade estética de maneira crítica e consciente. Ela investiga e analisa a criação e utilização de imagens e a sua repercussão na vida pessoal, social e política do homem. Pensar por meio de imagens é algo a ser pesquisado e aprofundado para que cada vez mais nos conscientizemos de nossos papéis no mundo em que vivemos. Pensar em imagens parece simples e muito natural, porém, é algo complexo e que merece ser alvo de reflexões para que possa proporcionar infinitas possibilidades.

A sensibilidade estética se desenvolve ao longo de nossas vidas junto aos nossos gostos, preferências culturais, tendências sociais e influência da moda, afetando a nossa vida e personalidade. É preciso ter uma visão ampla

sobre a maneira como nossas mentalidades se formam para buscar entender o impacto da imagem no nosso cotidiano.

Arte e Imagem na Sociedade

Existe um processo cultural de formação indireta, um processo educativo social comandado e conduzido pelo modelo capitalista e consumista da sociedade ocidental em que vivemos. Nossas noções estéticas recebem tanta influência de um padrão burguês governado pelo “Espetáculo” (DEBORD, 1967), que muitas vezes vivemos regidos pelo macrocosmos cultural e não conseguimos nos desprender nem nos mínimos atos dessa rede de alienação.

Seguimos a moda vigente, desejamos os produtos anunciados, almejamos a imagem que o gosto mercadológico intitula como conveniente e muitas vezes nem percebemos e não tentamos (ou não conseguimos) sair desse padrão.

Não tenho a pretensão pessimista de enaltecer qualquer teoria de conspiração, porém, não é difícil notar o ciclo vicioso pelo qual a sociedade se alimenta de consumo, imagem e produção. O mercado é sustentado pelas necessidades incutidas pela mídia na sociedade. Na verdade, vivemos sem saber se realmente precisamos de tudo o que o mercado nos oferece. Um corpo modelado por horas dedicadas à academia, amplamente divulgado como ideal de beleza, uma casa com decoração de “bom gosto”, a roupa que “valoriza” o seu corpo, o carro que projeta a importância social do indivíduo, o modelo familiar que assegura a aparência social correta, enfim: grande parte das nossas aspirações possui ligação direta com uma força da mídia e do consumo que também dependem das aspirações humanas para se manterem.

Observando o bombardeio imagético da mídia sobre nossas mentalidades sequiosas de plenitude e felicidade, é fácil entender o porquê de nos apegarmos a esses modelos sem questioná-los. É mais cômodo aceitar que a sociedade possui seu fluxo normal de movimento do qual devemos não só fazer parte, mas também nos submeter e adaptar. Nosso processo de formação está todo envolvido por essa realidade mercadológica e consumista que se torna a referência de vida, pensamento e sensação.

No entanto, perguntamo-nos: isso nos satisfaz? Buscar os ícones da mídia, repetir hábitos e seguir o ciclo alienante que nos arrasta nos traz a plenitude tão almejada? Para algumas pessoas, isso pode bastar, no entanto existem grupos que não se sentem confortados e emocionalmente atendidos pelas apelativas manifestações da Sociedade do Espetáculo. Porém, ainda há indivíduos que permanecem presos às próprias rotinas, costumes e gostos sem perceber que existem infinitas possibilidades para vivenciar. Sem perceber que não precisamos ficar atrelados aos modelos impostos pela mídia e pela sociedade consumista. Podemos ir além, descobrir, redescobrir a vida e enxergar muito mais do que a cultura mercadológica tem para nos oferecer. Vivenciar nossos momentos conscientes dessa realidade que nos cerca e de forma autônoma o suficiente para selecionar o que dela queremos e necessitamos aproveitar. Essa capacidade foi definida por Wright Mills (1959) como *Imaginação Sociológica*. Ele chamava Imaginação Sociológica o ato de compreender a íntima e complexa ligação entre o indivíduo e a sociedade em que vive. Mills (1959) destaca a capacidade de um ser em atuar no curso da história e influenciar seu tempo tanto quanto seu tempo o influencia e condiciona. Ele também enfatiza alguns elementos da sociedade que desenvolvem mais notadamente a Imaginação Sociológica, e dentre eles está o artista.

A Arte possui esse aspecto libertador de nos elevar à condição de sermos ativos na sociedade e não apenas receptores passivos. A arte vem analisar a relação indivíduo/sociedade, buscado sempre desprender-se dessa alienação e se posicionar criticamente perante todos esses processos. Ao nos deslocarmos desse ciclo vicioso da cultura capitalista, percebemos que não precisamos viver sob a pressão de toda essa mídia e que temos liberdade para fazermos escolhas diferentes, ampliando nossas possibilidades para além do que os modelos de vida do “mercado” podem nos oferecer. Porém, ter essa percepção sobre todo o sistema em que estamos inseridos exige um olhar criterioso, crítico e desprendido. Tal olhar é uma habilidade a ser desenvolvida.

Ao aprimorarmos nosso olhar estético, conquistaremos uma lucidez ou uma percepção tão ampliada que poderemos fazer análises complexas e profundas mesmo diante de fatos e imagens simples e cotidianos. Alguém que possui Imaginação Sociológica e olhar estético aguçado perceberá, por

exemplo, que a arquitetura de um edifício é propensa ou não à socialização e ao lazer. Um prédio que possua formas que estimulem o convívio social tem também um caráter ideológico e político de encontro e mobilização de pessoas, e é, portanto, um local que predispõe comunicação e movimentação de grupos. Por mais banal que pareça, essa simples característica pode fomentar movimentos sociais, associações, reuniões de todos os gêneros e mobilizar grandes ações grupais. O olhar que percebe a Estética de um espaço é capaz de notar tais aspectos naturalmente e, assim, assumir uma postura crítica diante dos fatos e modificá-los por intermédio da ação organizada. Posso concluir esse raciocínio refletindo sobre a importância de termos a capacidade de perceber o mundo com esse olhar criterioso. Um olhar que nos possibilita escolher, transformar e reorganizar o mundo em que vivemos, tendo sempre em mente que as formas que nos rodeiam possuem poder de influência na maneira que vivemos.

A Arte utiliza-se dessa ligação do homem com a Imagem para promover questionamentos, reflexões e até mesmo mudanças na sociedade em que está inserida. Isso só é possível porque o ser humano é tocado de maneira sensível pela imagem e, por isso, reage com o pensamento e a sensação ao que sente. Esses estímulos que a Arte provoca mexem com a subjetividade do indivíduo que dela se familiariza e quanto mais receptivo ele está, maior será a sua interação com a obra e com as idéias que dela podem surgir. Cada pessoa terá uma reação diferente em relação aos estímulos sensoriais. Isso ocorre pelo fato de tal processo ser intensamente subjetivo, porém é preciso conhecimento e estudo para que diante de uma obra o indivíduo consiga construir reflexões que dialoguem com a realidade social, política e estética em que a obra está inserida.

Estar receptivo à obra é estar disposto a encará-la e conhecê-la com critério e profundidade. Existem pessoas que possuem um grau de receptividade maior que outras, e estão mais predispostas a mergulhar em um processo artístico. Isso é fruto de uma diferenciada formação familiar, social, cultural, educacional e política a que foram submetidas. BOURDIEU (1966) chama de *Capital Cultural* um conjunto de gostos, saberes e habilidades que são construídos no processo de formação do indivíduo e que podem o caracterizar como “herdeiro” de uma cultura legitimada e reconhecida, em que

a Arte muitas vezes está inserida. Aí reside uma complicada relação: Arte e Elitismo.

Essa relação estabelece um padrão de julgamento comum que define a Arte como um simples lazer da elite. Tratando, assim, uma ampla e complexa área de conhecimento como uma futilidade sem função ou objetivo. A Arte possui um caráter de subjetividade que acaba por reforçar essa ideia equívoca sobre sua natureza. Porém, é preciso ter em mente que os conteúdos artísticos são socialmente um “privilégio cultural”. Bourdieu (1966) faz uma grandiosa análise da cultura dominante e legitimada, e a Arte está entre os saberes que compõem um rico Capital Cultural. Entretanto, é preciso reconstruir esses conceitos de maneira que eles possam vir a fazer parte da vida de todas as pessoas sem exclusão e nem privilégios. Se a Arte ocupasse o seu lugar na Educação Formal, como deveria, os preconceitos diminuiriam e seu ensino/aprendizado se tornaria mais significativo, dando às pessoas a oportunidade de entrarem em contato com a Arte e dela se familiarizarem. Isso poderia possibilitar que a percepção estética se aguçasse e desenvolvesse. Tal fato talvez resultasse na formação de indivíduos com *Imaginação Sociológica*, críticos e conscientes, preparados para atuar na própria vida e na sociedade como sujeitos ativos, plenos de possibilidades e modificadores da realidade.

Voltando à questão da percepção estética, reforço o caráter essencial que exerce em nossas vidas. Ernest Fischer (1963), em *A Necessidade da Arte*, discorre sobre a importância da Arte para a Sociedade e para os indivíduos. Ele questiona sobre a funcionalidade dos conhecimentos artísticos e propõe para a Arte uma função volátil e flexível, que pode variar e modificar dependendo do contexto em que está inserida. Fischer analisa a Arte como uma necessidade intrínseca ao ser humano, porém, sua abordagem sobre tal raciocínio é demasiadamente mística e muito vinculada à magia. Acredito que seja possível rastrear os pontos que ratifiquem a necessidade da Arte sem precisarmos recorrer ao elemento místico.

Primeiramente, é preciso fazer uma busca pela sociologia e antropologia para entendermos a complexa ligação entre homem, imagem e percepção. É preciso voltar no tempo desde as primeiras manifestações estéticas e reconstruir historicamente todo esse processo de desenvolvimento artístico.

Em uma visita, com a turma da disciplina Artes Visuais no Brasil¹ ao Sítio arqueológico de pinturas rupestres de Barão de Cocais (MG) coordenada pelo professor Marcos Hill, várias questões surgiram durante os estudos e as conversas do grupo. Porém, a maior indagação foi quanto à relação do homem com a imagem. Queríamos propor uma análise sobre a produção imagética do homem primitivo e levantarmos hipóteses sobre o porquê dessa busca. A primeira coisa que procuramos entender foi a relação das pinturas com a vida daquele homem. Percebemos, então, uma curiosa coincidência histórica: o homem começou a pintar ao mesmo tempo em que começou a elaborar rituais sobre a morte e enterrar os mortos. Essa informação deixou para nós uma infinidade de possíveis relações, afinal a primeira grande reflexão da vida é a certeza da morte. A primeira delas seria que a consciência da morte também trouxesse a consciência da vida e que, ao enterrar os seus mortos, esse homem torna-se *sapiens*, pois sabe da vida e da morte e por isso inicia um processo de avançar suas reflexões a um nível mais filosófico e deixa de viver apenas suas necessidades biológicas para vivenciar suas necessidades mais íntimas e sensíveis.

Outra relação que detectamos foi o surgimento da consciência de que todos irão morrer. Essa constatação impulsiona uma infinidade de questionamentos e reflexões sobre a vida e a morte. Como por exemplo: porque estou vivo? De onde venho? Para onde irei? Qual é o sentido de estar vivo? Essas perguntas são características de nossa humanidade, e definem o nosso aspecto indagador, criador, investigativo e reflexivo. As pinturas rupestres surgiram na vida do homem por algum motivo, existe um forte vínculo entre a Arte e essas reflexões. É sobre esse motivo que quero concentrar minhas atenções e estudar seus desdobramentos.

¹ Disciplina obrigatória do Currículo de Graduação em Artes Visuais na Escola de Belas Artes da UFMG. A disciplina aborda questões críticas e históricas sobre a produção de Arte no Brasil, desde a Colonização até os dias atuais. É ofertada pelo professor Marcos César de Senna Hill, Doutor em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais (2008).

A RELAÇÃO DO HOMEM COM A IMAGEM

A ideia de uma arte intrínseca ao Homem

Lidamos todo o tempo com imagens em nosso cotidiano. Escolhemos nossas roupas, temos nossa própria identidade visual, possuímos cores, formas e texturas de nossa preferência e organizamos nossos ambientes de maneira a nos agradar visualmente. Muitas vezes não percebemos o quanto a imagem é importante em nossas vidas, porém, em uma breve análise, podemos comprovar seu papel na história da humanidade. Todas as culturas possuem, à sua maneira, uma produção imagética característica. Nenhuma civilização passou pela história sem deixar registro de uma busca pelo aprimoramento estético por intermédio da imagem. Vemos uma necessidade humana de expressar-se e construir conhecimento utilizando-se da Arte e seus desdobramentos.

As pinturas rupestres, a arte indígena, as máscaras mortuárias, e as diversas manifestações culturais das civilizações exemplificam a procura da expressão pela imagem. O homem busca, de alguma forma, se sentir pleno e completo. Utiliza-se da linguagem para obter a comunicação indispensável ao seu desenvolvimento e cria ferramentas para facilitar sua sobrevivência. Além disso, elabora hábitos e costumes que enriquecem seu modo de viver e sua estrutura social. Existe uma motivação à produção do conhecimento e à reflexão que é inerente ao homem, toda a humanidade compartilha desse movimento coletivo rumo à criação. Porém, essa necessidade manifesta-se de variadas maneiras, todas elas essenciais à sociedade e importantes para a formação do indivíduo. Podemos verificar essa característica humana em diversas áreas do conhecimento, incluindo as Artes.

O ser humano está em constante busca pelo auto desenvolvimento e progresso social, intelectual e cultural. E a Arte não se exclui desse aspecto. O homem tem buscado desde as pinturas primitivas se relacionar com a imagem de maneira mais intensa e reflexiva. A história da Arte nos mostra a construção de diversos raciocínios e conceitos artísticos que promoveram experiências e expressões ricas e poéticas. Vemos, também, o desenvolvimento da moda e do vestuário como forma de exteriorizar ideais políticos e ideológicos. O

homem utiliza a imagem como expressão de sua própria identidade e vivência, estando ela intimamente relacionada às reformas sociais, às mudanças políticas, à estruturação cultural, ao progresso intelectual e etc.

Por que a imagem está tão presente na vida do homem? Defendo a idéia de que há uma necessidade de expressão que vai além do discurso, uma necessidade que a linguagem não consegue abranger. Notamos que a sobrevivência do homem não se limita aos aspectos físico e biológico. O homem é um ser relacional, simbólico, emocional e racional ao mesmo tempo. É inato no ser humano o impulso para a formação de civilizações, de agrupamentos, de criação intelectual e de desenvolvimento filosófico e psicológico. Ou seja, o homem precisa de viver diversas experiências dotadas de sentido para aproximar-se da tão almejada felicidade. E essas vivências que tem o homem a intenção de preencher-lhe a existência ultrapassam o raciocínio do discurso e chegam a um nível sensorial, perceptível, sensível e reflexivo.

Ernest Fischer (1963) afirma que a arte é a busca do ser humano para tornar-se inteiro, total. O homem sente-se incompleto e ambiciona uma plenitude que não sabe exatamente onde encontrar. Ele procura, através da arte, ciência, religião e filosofia, superar as limitações da condição humana e tornar-se um ser integral, mesmo sem conhecimento do que isso seja. É dessa maneira que o homem amplia e multiplica suas capacidades e habilidades. Buscando ser completo, ele aumenta as possibilidades do que pode vir a ser e transforma sua vida.

Segundo Fischer (1963) a Arte é um trabalho humano, e o homem modifica a natureza utilizando-se de sua capacidade criadora e criativa de acordo com sua vontade. Modificar a natureza surge, então, como uma possibilidade movida pela vontade, pelo desejo de criar que, até então, sem as ferramentas específicas seria impossível. A descoberta da capacidade de alterar as formas e imagens deu ao homem a satisfação de “corrigir” o que não lhe era fisicamente adequado, ampliando a sua capacidade de ser e diminuindo as limitações próprias de sua humanidade. Após a constatação de que a “correção” do mundo é possível (como, por exemplo, criar uma escada para alcançar locais que a altura humana não permite), surge também a

possibilidade de modificá-lo para que novas sensações aflorem. O homem percebe-se como criador em potencial.

Após um longo processo de experimentação de imitações, o sujeito vai, aos poucos, criando a partir de suas próprias idéias ao invés de apenas repetir outras formas já conhecidas. Dá existência material aquilo que lhe parece existir em sua mente. Essa é uma das capacidades que separam o homem dos outros animais, pois o eleva ao status de criador e desbravador de infinitas e desconhecidas possibilidades.

Ernest Fischer (1963) associa a todo tempo, o nascimento da arte ao nascimento da ciência, trabalho, religião e linguagem, ligando todos esses elementos a uma força motriz em comum: a busca pela plenitude. A linguagem, a Arte e o trabalho ganham ênfase por estarem diretamente ligadas à expressão. A formação de um raciocínio mais elaborado foi o que permitiu ao homem definir conceitos e separar idéias, o que está intimamente condicionado à linguagem, expressão e ao trabalho. Apenas com o desenvolvimento da mente pôde o homem fazer associações, estabelecer conexões, metáforas e assim abrir espaço para o surgimento da abstração, elemento primordial das Artes.

Fischer (1963) denomina *Magia* como sendo a força geradora da arte. Para entender esse conceito é preciso mergulhar em um universo sensível quase místico. Eu, porém, não creio que o termo *Magia* seja o mais adequado a essa definição. Na realidade, é preciso estar aberto à ideia de que a Arte é extra material, entretanto, as palavras intuição e percepção sensorial atendem bem ao meu raciocínio e fogem da visão mística e misteriosa que muitas vezes desvalorizam a Arte como um objeto de estudo e uma área de conhecimento.

Poderíamos dizer que a necessidade da Arte seria a demanda do aprimoramento estético e reflexivo na vida do homem. O homem busca através da Arte encontrar-se e expandir-se em suas possibilidades. A Arte promove um campo de conhecimento específico para que não pode ser substituído por nenhuma outra área. A sensibilidade estética é peculiar em nossas vidas e possui um impacto muito maior do que costumamos a lhe atribuir.

Arte e vida: uma demanda coletiva e individual

Grande parte de nossas escolhas passam pelo nível estético em algum momento. Desde a hora em que acordamos até quando nos recolhemos, somos convidados a interagir com o universo sensorial. Escolhemos a partir de gostos (como discutido anteriormente) muitas vezes irrefletidos e, por isso, não exercemos a *Imaginação Sociológica* (MILLS, 1959) e o senso crítico. Porém, se observarmos com acuidade nossos passos teremos a certeza da intensa influência que a imagem possui em nosso cotidiano.

Em primeiro lugar, acordamos. Olhamos para o teto, para os lados, sentimos o cheiro do café recém preparado, salivamos... Sentimos frio ou calor, vontade de aproveitar as texturas da cama e dos lençóis. Levantamos, enfim, e nos damos conta aos poucos das imagens visuais que nos cercam. Em nossos quartos, desejamos controlar esteticamente todo o ambiente. Necessitamos de um espaço que atenda às demandas sensoriais de nossa preferência, como, por exemplo: estar claro, ou escuro, ter paredes pintadas desta ou daquela cor, ter muitos ou poucos adornos, ser estruturado por uma arquitetura mais fluida e curvilínea ou ser reto e preciso, até mesmo estar desorganizado/organizado, ou seja: desejamos uma atmosfera estética que nos remeta às sensações que nos tocam a sensibilidade de maneira agradável e positiva. É bem verdade que quanto mais refletimos sobre a nossa maneira de fruir a estética, melhor compreendemos essas sensações e mais expandimos as nossas possibilidades de fruição.

Depois do café da manhã, chega o momento de escolhermos a roupa que nos representará durante o dia em nosso trabalho ou no lazer. Preocupamo-nos por vezes mais com o conforto, ora mais com a impressão que queremos causar, mas de uma coisa sabemos sem sombra de dúvida: a nossa vestimenta expressa um discurso e chega a ser quase uma linguagem complexa que estabelece a sua ligação com o outro. Muitas pessoas pensam exageradamente sobre o assunto, muitas nunca quiseram pensar, outras não pensam e seguem as diretrizes da moda, enfim, é notável a maneira como esse momento do dia não passa pelo crivo crítico da *Imaginação Sociológica* e da Percepção Estética. Nós apenas escolhemos apressadamente a nossa

caracterização visual, pois, estamos sempre atrasados para os inúmeros compromissos de nossas vidas capitalistas. Essa falta de compromisso com uma visão crítica sobre a roupa que escolhemos vestir revela uma precariedade de fruição estética e de visão de mundo que corrobora com a massificação dos indivíduos, retirando-lhes a autenticidade e a possibilidade de atuar no mundo modificando e transformando a realidade.

Além do nível cotidiano, podemos sondar toda a história e verificar que a Arte fomentou diversas manifestações culturais, sociais e políticas. Como exemplo, podemos citar a Colonização da América espanhola (GRUZINSKI, 2006) que teve parte da sua estruturação na dominação imagética dos aborígenes. A intensa ligação dos povos nativos com a Imagem forneceu o alicerce para que os colonizadores pudessem exercer seu poder. Com a prática da manifestação artística, os dominadores puderam criar um imaginário e uma poderosa influência cultural através da imagem. Esse tipo de dominação possibilitou uma transformação nas bases sociais e difundiu uma construção de hierarquia que foi essencial para que a colonização acontecesse de maneira efetiva e enraizada, pois todo esse processo atingiu o cerne dos grupos envolvidos, foi uma *endoculturação*².

A arte interage diretamente com a vida de uma sociedade. Não é um simples lazer, mas sim um elemento indispensável da vida coletiva. Isso é: a sociedade demanda a manifestação artística. O que nos leva a crer que esse fenômeno que tange o nível sócio, político e cultural é também coletivo. Porém, perguntamo-nos: a área de conhecimento Artística é realmente compreendida e valorizada? O nosso contexto cultural não colabora para evidenciar o caráter essencial da Arte. Além disso, formação escolar deficiente e os preconceitos difundidos na sociedade impedem que a Arte ganhe o reconhecimento que lhe é meritório. Apesar de todos os núcleos grupais promoverem o surgimento de pessoas que venham a desenvolver sua capacidade estética, nem todos estão cientes da importância da atuação de Artistas que possuam *Imaginação Sociológica* e que se expressem extrapolando o discurso utilizando-se da imagem.

² Endoculturação: processo de internalização da cultura.

Muitas vezes não percebemos que as nossas escolhas estéticas são posicionamentos sociais, expressivos e até políticos. Nesse sentido, a Arte possui um vínculo forte com a vida de uma sociedade atuando em diversos aspectos e mobilizando grupos que questionam e intervêm diante de várias questões. Podemos perceber as ações artísticas que desencadearam manifestações durante a ditadura militar. Vemos também, o exercício de alienação da mídia que se utiliza dos recursos imagéticos estrategicamente, captando os nossos sentidos e nos inclinando a esta ou aquela decisão. Tudo isso exemplifica e confirma a intensa influência que sofremos por intermédio da imagem e da Arte.

Após termos consciência do papel que a Imagem exerce em nossas vidas, fica mais clara a importância de uma boa formação em Arte. Uma formação que estimule a experiência estética e sensorial, que incite a expressão e que não iniba o indivíduo a manifestar-se como ser simbólico, social, sensorial, racional e reflexivo ao mesmo tempo. É preciso ter uma construção de conhecimento que estruture na sociedade o senso crítico e a percepção estética.

NECESSIDADE DO ENSINO DA ARTE E DA EDUCAÇÃO ESTÉTICA

A Arte na Educação

Em *Por Que Arte-Educação?* João Francisco Duarte Junior (1994) discorre sobre várias questões de grande relevância para a Licenciatura em Artes Visuais. Uma delas é a diferenciação entre processo educativo que se baseia nos conceitos de experiência e significação e, do outro lado, o adestramento educacional. John Dewey (1933) e Jorge Larrosa Bondia (2002) possuem excelentes estudos sobre a maneira como ocorre o aprendizado e a sua relação com a experiência. Vemos, então, que a experiência é o resultado de uma transformação que ocorre no indivíduo que se abre para dar sentido (significado) a um fato. Informação não é experiência, mas formação é. Aí está uma delicada diferença conceitual que tem máxima importância para nós: a Arte é uma vivência, uma experiência infindável, um processo de contínua formação/transformação do ser. Não é um conhecimento a ser adquirido, nem um dado a ser informado, mas, assemelha-se a uma sensação para ser vivida, sentida e refletida.

Sob outra perspectiva, vemos o adestramento educacional, que corresponde ao modelo escolar vigente na sociedade Ocidental. A escola que representa a educação básica do ser humano, não promove o diálogo entre as diversas disciplinas e a vida cotidiana. Ao contrário, o que notamos é um *Esquartejamento Mental* (DUARTE JUNIOR, 1994) intensamente difundido em nossa cultura. Ou seja: a existência humana é repartida entre emocional e racional e essas duas metades são separadas conceitualmente para que o indivíduo não saiba lidar com as duas ao mesmo tempo. Além disso, ainda ensina-se que devemos estabelecer uma hierarquia entre elas, fundando um verdadeiro *apartheid* íntimo que desmembra o ser e o distancia cada vez mais de uma vivência integral e plena.

Dentro de todo esse processo, a cultura capitalista conseguiu instituir que o polo racional é mais eficiente, funcional e lucrativo que o emocional. Afinal, em um mundo onde a relação de trabalho demanda mão-de-obra barata, alienada e sem capacidade crítica, a Arte não é uma prioridade. Ao

contrário, a educação que perpassa o universo reflexivo, consciente e potencialmente indagador é, na verdade, um risco para o sistema.

Temos aí a razão de a Arte e de várias outras áreas de conhecimento estarem distribuídas periféricamente em relação àquelas que visam o mercado de trabalho lucrativo. Essa situação se repete quando o assunto é a Escola e a formação básica. Vemos uma super valorização das disciplinas exatas e a desvalorização do campo de arte e humanas em geral.

Como consequência da consolidação de tais preconceitos na sociedade, vemos a Arte e a experiência estética quase banidas da educação básica. Fato que contribui para a formação de indivíduos sem senso crítico, sem capacidade estética desenvolvida e, muitas vezes, completamente alienados e fechados para as vivências sensoriais e reflexivas. Muitas pessoas acabam nunca experimentando um momento em que a percepção sensorial torna-se referência, e, por isso, não compreendem que a Arte é intuitiva e racional, expressiva e processual, experimental e intelectual, e pode satisfazer esses dois polos da vida humana (FISCHER, 1963).

A Educação em Arte surge nessa perspectiva como uma grande colaboradora da formação do indivíduo e da sociedade. O desenvolvimento da habilidade estética envolve a capacidade de entendimento do outro, de si mesmo, a *Imaginação Sociológica*, a expressividade e a percepção sensorial. Estimula também experiências que proporcionam uma nova maneira de pensar os sentidos, o corpo, a sociedade, a vida, o eu e o outro. Esse tipo de educação, na formação básica, torna-se essencial, pois, prepara o indivíduo para perceber níveis profundos de reflexões, além de lhe dar noções básicas de estética. Então, o estudo da arte fomenta a construção do conhecimento imaginativo, metafórico, sensorial, e crítico (PIMENTEL, 2008). Significa dizer que o aluno que participa de aulas de Arte poderá desenvolver a coordenação motora, a criatividade, a *Imaginação Sociológica*, a sensibilidade e a capacidade de estabelecer conexões entre diferentes objetos de estudo.

Conceber a Arte como fenômeno intuitivo não significa dizer que ela é um “dom”. A expressão artística é uma habilidade, um potencial inato e inerente à condição humana. Cabe à Educação promover tal habilidade, desenvolvendo-a e fornecendo-lhe as bases necessárias para que se manifeste em sua amplitude e riqueza. Nesse sentido, é importante ressaltar o

processo educativo como um conjunto de ações que culminam na experiência estética e reflexiva. Estudar Arte não se limita a conhecer um vasto repertório imagético e dominar datas e conceitos históricos fundamentais. A Arte envolve também o fazer, a experimentação de materiais, técnicas e diferentes linhas de expressão. Estudar a Arte é também estudar o mundo e a sociedade, significa levantar o olhar para as questões diárias, políticas, sociológicas, culturais e econômicas que nos cercam e delas retirar críticas e reflexões que dão o substrato para a criação.

Tendo em mente a importância desses vários processos no cenário educativo artístico, a professora e pesquisadora Ana Mae Barbosa propôs a Abordagem Triangular como possível referência para os educadores. O tríplice aspecto da abordagem é resumidamente composto por três ações principais: Fruir, Fazer e Contextualizar. Essas etapas no ensino de Arte são interdependentes e complementares, não existindo entre elas hierarquia ou ordem. A proposta é que o aluno entre em contato com a Arte, ampliando seu repertório e aprendendo a ser um fruidor ativo na maneira de encarar a obra, ao invés de ser um espectador ou leitor da mesma. Além disso, o aluno precisa compreender o contexto histórico, social e político em que está inserido o trabalho artístico, ou seja: ele precisa ter uma visão criteriosa sobre os conceitos que mobilizam a obra. Também vemos a necessidade de experimentar a Arte para que todas as etapas se consolidem. O aluno deve então ter sua própria vivência, conhecendo diversos materiais, técnicas e libertando sua maneira de exprimir o conhecimento construído.

Além das questões reflexivas sobre o mundo e a sociedade, a Arte lida com a expressão que a linguagem e o discurso não conseguem alcançar. A comunicação humana tenta dar conta de todos os processos, porém, existe um nível sensorial tão íntimo e subjetivo que não pode ser traduzido por palavras e códigos. É aí que entra a Arte. Mas para que um sujeito esteja familiarizado com a própria expressão, ele precisa estudá-la e vivenciá-la. O Ensino de Arte propõe uma aproximação da expressão e da vida, fortalecendo os laços que unem homem e imagem, dando a este a capacidade de explorar seus sentidos e sentimentos de uma maneira intensa e reflexiva.

Para que o indivíduo possa estabelecer uma relação consistente com a estética e aprimorar sua capacidade crítica e sensorial é necessário que em

seu processo de formação a Arte esteja presente de maneira efetiva. A educação em Arte, porém, não é um campo rigidamente predefinido e delimitado. Apesar dos diversos estudos sobre o fazer artístico e a cognição, ainda há (e sempre haverá) um terreno amplo de possíveis experimentações e vivências na aprendizagem que ampliarão e complementarão a construção do conhecimento.

Listar as possibilidades no ensino/aprendizagem em Arte seria tarefa incoerente e impossível. Entretanto, tecer um breve memorial sobre as situações que já vivi, dentro desse campo, além de ser esclarecedor e extremamente rico, poderá abrir novos horizontes de desdobramentos e reflexões.

A Experiência em Ensino/Aprendizado de Arte

A Licenciatura em Artes Visuais sempre me convidou ostensivamente à meditação. Era, no entanto, na prática em sala de aula que eu tinha a oportunidade de me deparar com a realidade da Educação. As dificuldades que surgiam, as soluções propostas, a orientação dos professores e o embasamento teórico contribuíram para a minha graduação de maneira especial.

Meu primeiro contato com a sala de aula ocorreu na escola aplicação Centro Pedagógico – CP-- da UFMG. Ingressei no Projeto Residência Docente que tinha como objetivo iniciar uma imersão à docência e promover a educação em tempo integral. A proposta da escola era que nós bolsistas acolhêssemos uma turma, permanecendo com ela em trabalho de monitoria por aproximadamente 20 (vinte) horas semanais, e lecionássemos em um Grupo de Trabalho Diferenciado (GTD) por 5 (cinco) horas.

O intenso contato com a turma era exatamente o ponto de conflito, pois ao mesmo tempo que nos dava maior conhecimento sobre os alunos e nos permitia um olhar mais humano e sensível sobre cada criança, também nos colocava em complicada posição de proximidade que retira a autoridade e desgasta a relação professor/aluno.

Ainda assim, a experiência no CP foi muito rica e motivadora, pois eu pude conhecer um ambiente escolar que reservasse um espaço para a

disciplina artística diferenciado. A escola possui uma sala de Artes equipada com televisão, pias e bancadas e disposição de mesas sugestiva à discussão e interação da turma. Além disso, para as aulas de Arte as turmas eram divididas em dois grandes grupos para que o número de alunos seja reduzido e o professor tenha mais condições de trabalhar. As disciplinas de Arte são divididas em: Artes Audiovisuais e Artes Cênicas, sendo que cada série só possui uma delas. A carga horária é bastante reduzida, com duas aulas geminadas por semana. Os materiais disponíveis eram variados e a escola contava com uma boa parte do orçamento para esses materiais. Apesar das muitas limitações, o Centro Pedagógico pode ser considerado uma referência, em relação à estrutura, para o ensino de Arte.

Naquele momento de minha graduação, a pouca experiência e a insegurança em sala de aula limitaram meus planejamentos e ações. Foi apenas na minha vivência no Projeto Escola Integrada³ que eu pude concretizar planos e elaborar aulas realmente interessantes. Porém, as dificuldades que envolvem tal projeto eram ainda maiores em consequência da falta de estrutura física e materiais.

A vivência em sala de aula dá outro aspecto para a Educação. Apesar das várias discussões, disciplinas, textos, teorias e pesquisas elaboradas a realidade na regência de uma classe é bem distinta quando se pensa em prática em Ensino de Arte. Cumprir com os planejamentos torna-se um desafio diante das limitações que surgem e tal fato acaba por desestimular e desgastar o professor.

Existe uma distância cultural entre os alunos e o professor que não pode ser vencida em apenas 1 hora/aula (cinquenta minutos) por semana. Apresentar técnicas, artistas e obras e transformar a aula em uma experiência significativa não é tarefa simples. Estimular o senso crítico e a criatividade de crianças e jovens enquanto que todos os outros processos educativos giram em torno da padronização do pensamento e do *adestramento educacional* é

³ O Projeto Escola Integrada -PEI- consiste em uma parceria entre as Universidades Públicas e a Prefeitura de Belo Horizonte, onde bolsistas da graduação atuam como educadores nas escolas da rede municipal, ministrando aulas para contribuir na Educação Integral dos alunos. O Projeto envolve a Educação de 2º Tempo e atividades extracurriculares culturais que dão ênfase à formação cidadã do educando. Arte, Dança, Educação Física, Música e várias outras áreas de conhecimento são temas que enriquecem o projeto.

ainda mais desafiador. Nesse sentido, a prática em sala de aula está ainda muito aquém da teoria estudada na Licenciatura.

O que podemos fazer quanto a isso? É necessário um trabalho coletivo persistente e incessante para lutarmos por uma Educação mais humana, mais sensível e que valorize a Arte como área de conhecimento. Participar de encontros de arte/educadores, conhecer o trabalho dos colegas, buscar estar atualizado em relação aos movimentos em prol da educação, mobilizar-se pela melhoria do ensino de Arte, propor ações inovadoras em sala de aula e atuar constantemente consciente de que o resultado não será imediato e muitas vezes nem poderá ser percebido, porém, é apenas por meio da ação organizada que o panorama da Arte-Educação irá mudar.

Outro aspecto que não deve ser esquecido é a questão do Professor/Artista. É de grande importância que o educador tenha uma vivência em Arte para que o processo de ensino/aprendizado seja enriquecedor e significativo. É preciso ter em mente que o ensino de arte está intimamente ligado ao aprendizado em arte, e por isso o professor que não possui a sua própria pesquisa fica limitado às teorias da educação e não experimenta propostas que partem de sua própria experiência.

Apesar de todos os desafios, as experiências em sala de aula me deram segurança e noções de regência e de dinâmica com o grupo. E dessa maneira, eu pude pesquisar e propor um material didático em Artes Visuais que dialogasse com diversas realidades escolares e provocasse uma série de reflexões.

In Confidente: uma proposta para Arte-Educação

Pensando na Abordagem Triangular, de Ana Mae Barbosa, a ideia principal de meu Material Didático é provocar uma imersão interna e um olhar para dentro de si. Existem, então, três momentos distintos na utilização da “Caixa de Artista”: uma pesquisa bibliográfica e histórica, o contato com a obra de José Leonilson (e outros artistas) e a construção de uma “caixa-objeto” que leve em conta os conceitos de Livro de Artista e Diário de Bordo.

Uma maneira interessante de fazer o reconhecimento das imagens que preenchem nosso cotidiano é fazer um Diário de Bordo, um pequeno caderno

onde se registra as idéias e os fatos cotidianos. Ele serve de referência e registro para consultas posteriores. Outro modo de aprofundar esse reconhecimento de referencial imagético é elaborar um Livro de Artista, uma proposta mais sofisticada que o diário de bordo, porém bastante semelhante, e que resulta em um objeto de arte.

O material didático que elaborei mescla essas duas propostas e nos convida à imersão no universo íntimo das lembranças. A “Caixa de Artista” nada mais é que a união de três elementos: o diário de bordo, o livro de artista e o baú de memórias. É, resumidamente, um pequeno objeto de arte que revela e expressa histórias, sentimentos, fatos, ideias e sensações daquele que o criou. O nome escolhido também é sugestivo: In Confidente. É um jogo de palavras que mistura Inconfidente e In, do inglês: dentro, e Confidente. Essa brincadeira se refere ao fato de revelarmos parte de nossos pensamentos a uma caixa que pode ou não guardar nossos segredos. A partir do momento que externamos nossos sentimentos devemos nos conscientizar da possibilidade de aquele que os conhece ser um confidente ou inconfidente.

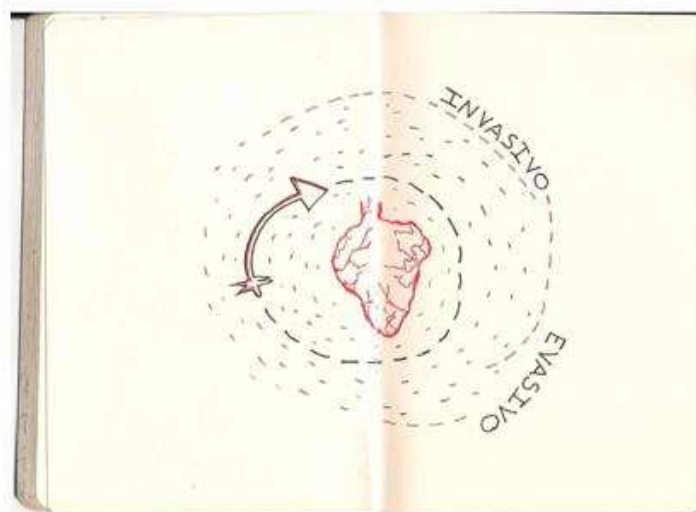
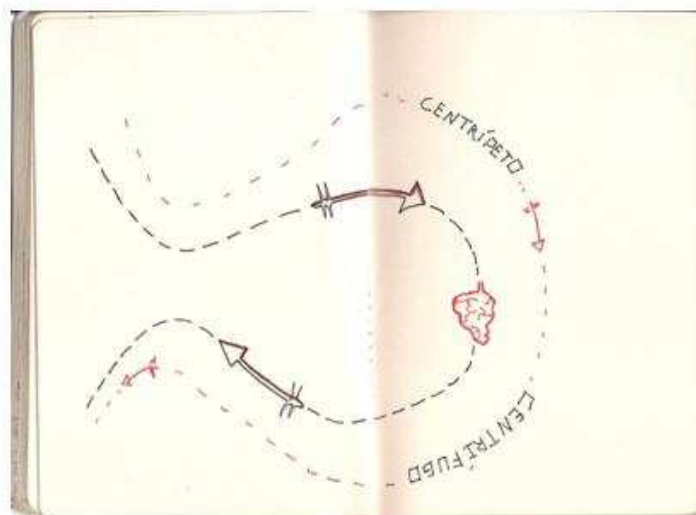
Acredito que existem duas escolhas essenciais que o aluno deverá fazer ao utilizar o material didático: o que colocar na caixa e como colocar. Essas duas decisões encerram um conjunto de reflexões e experiências que dão o valor de todo o trabalho. Pensar no conteúdo estético e subjetivo da caixa e na maneira de se revelar e expor sentimentos e lembranças é algo muito introspectivo e sensorial. Essas tarefas convidam o aluno a repensar o valor de suas memórias e vivenciá-las novamente por meio da criação de imagética. A possibilidade de pensar por imagens é recurso riquíssimo quando entendemos arte como expressão, e é exatamente esse ponto que faz do material didático uma experiência de mergulho no próprio universo.

A pesquisa sobre a obra de José Leonilson é fundamental para enriquecer o processo criativo. Seu trabalho intenso e expressivo revela uma imersão na própria intimidade que transborda por toda a sua criação. Suas poéticas mostram de maneira viva o lado sentimental e sensorial do artista, dando ao fruidor a possibilidade de dialogar com o universo subjetivo de Leonilson. O material didático In Confidente pretende, de maneira similar, revelar e expressar o lado sensível daquele que o experimenta possibilitando novos diálogos e novas proposições estéticas.

Esse processo é importante na formação do indivíduo, pois o coloca diante de sua própria trajetória e identidade, fazendo-o meditar sobre suas questões íntimas e promovendo uma experiência introspectiva de meditação. Para a criança o material funciona como uma experimentação individual. Para o jovem ele tem a função de identificar e analisar as questões da construção da personalidade. Para adultos e terceira idade, o material tem papel de memorial. Entretanto, em todas as fases é necessária a imersão e o olhar para si.

Do Diário de Bordo à Caixa de Artista

Um processo de imagens





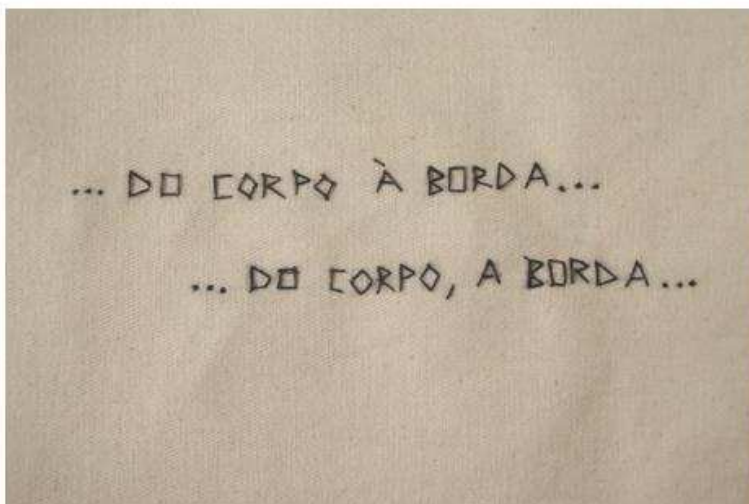
Essas imagens foram retiradas do Diário de Bordo elaborado para o Projeto de material Didático *In Confidente*. A partir das poéticas de bordado de José Leonilson, o Diário de Bordo teve como objetivo dialogar com o trabalho do artista e proporcionar uma experiência de contato com a própria intimidade.

As próximas imagens são o registro fotográfico da Caixa de Artista *In Confidente*, os livros de tecido que são dois desdobramentos do projeto e a Oficina *In Confidente*. As imagens feitas com linha e agulha fazem parte do meu processo de imersão e pesquisa propostos pelo material didático. Os livros de pano são experimentações que misturam a ideia de Diário de Bordo e Livro de Artista e o conceito de Livro Objeto⁴. As duas últimas fotos registram brevemente um momento de vivência do material didático.

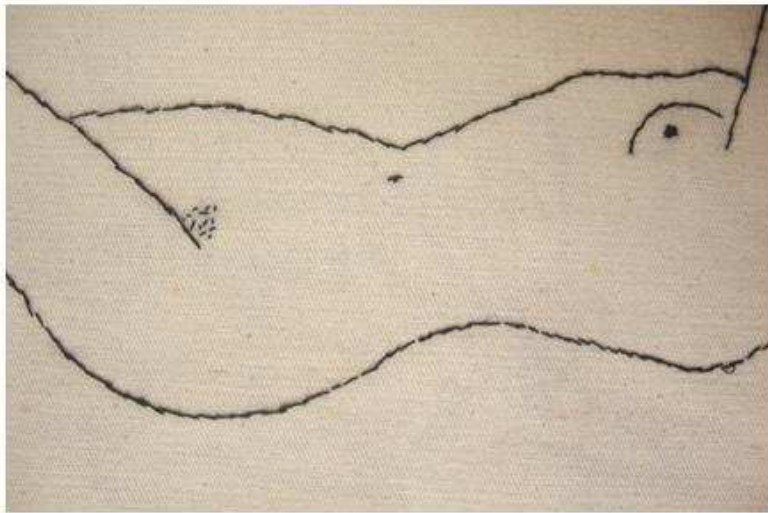
⁴ Livro-Objeto: Obra plástica que mescla a estrutura do livro e do Objeto de Arte. Seu intento é levar o fruidor ao manuseio e à experiência conjunta da tridimensionalidade e bidimensionalidade.













* Registro Imagético da Oficina *In Confidente*: Poéticas de Memória e História

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Licenciatura em Artes Visuais representou para mim um intenso processo de transformações e experiências que modificaram completamente o meu modo de ver “o mundo” e de “me ver no mundo”. A formação em Artes Visuais proporciona a quem está receptivo um acervo de indefiníveis vivências. Porém, poucas são as pessoas que realmente estão inseridas no universo artístico. Levando em consideração a proposta de que a Arte é uma necessidade coletiva e individual, ainda há um longo caminho a ser trilhado para que todos tenham acesso ao conhecimento.

A qualidade da formação básica deve ser reavaliada para que seja constatada a urgência de se investir no Ensino/Aprendizagem da Arte. Precisamos lutar por uma formação básica menos inclinada ao sistema capitalista e industrial, e buscar reverter o quadro do *Esquartejamento Mental*, proporcionando às nossas crianças uma educação mais humana e sensível. Devemos apostar na Arte como um caminho que desperta o olhar crítico, o autoconhecimento, o desenvolvimento das habilidades estéticas, da capacidade criativa e imaginativa.

A Arte é uma construção humana, um fazer, um exprimir. É uma área de conhecimento que demanda pesquisa e investigação. E por tanto, deve ser reconhecida como disciplina necessária à formação básica e não deve ser negligenciada nem colocada em posição periférica. A ideia de que a arte é um lazer e uma ocupação menos útil já não faz sentido em um mundo que explora com tanta intensidade a imagem. A Arte busca o olhar criterioso sobre essa ampla utilização dos recursos imagéticos, e é por isso uma grande aliada na luta contra a alienação e o *adestramento educacional*.

A Arte-Educação esclarece e conscientiza sobre o valor da experiência estética e a necessidade de desenvolvermos nossa percepção e *Imaginação Sociológica*. É preciso investir no ensino de Arte para formarmos gerações mais sensíveis e humanas. Tal discussão proporciona uma infinidade de desdobramentos.

Esse trabalho não encerra as possibilidades de recortes e análises acerca da necessidade da Arte e seu Ensino/Aprendizagem. As breves reflexões que iniciei não tencionam esgotar qualquer assunto, ao contrário,

com elas eu pretendia discorrer de maneira livre sobre alguns aspectos do tema em geral. Ainda há muitos desdobramentos possíveis que não tratei nesse texto. Porém, fica a proposta de ampliação de repertório e de imersão nas questões artísticas e educativas.

Ainda há um longo caminho de investigações e pesquisas a se trilhar para que a Arte seja reconhecida como área de conhecimento e seu papel na educação e formação básica possa fazer jus ao seu nível de profundidade. Porém, compreendo que esse processo é lento e não pode ser percorrido em breve espaço de tempo. No entanto, tenho em mente que apesar de vagaroso esse ritmo é constante e firme, pois a Arte sempre estará presente na sociedade, afinal, o aprimoramento estético é e sempre será uma necessidade da vida humana.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. Tópicos utópicos. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.19, pp. 20-28.

BOURDIEU, Pierre, “L'école conservatrice. Lês inégalités devant l'école et la culture”, publicado originalmente in *Revue française de sociologie*, Paris 7 (3), 1966, p. 325-347.

DEBORD, Guy. *Society of the spectacle*. Detroit: Black & Red, 1967.

DEWEY, John; BOYDSTON, Jo Ann; KAPLAN, Abraham. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DORFLES, Gillo. *O devir das artes*. São Paulo: 1967.

DUARTE JUNIOR, Joao-Francisco. *Por que arte educacao?*. 7. ed. Campinas: Papyrus, 1994. 85p (Colecao Agere)

FISCHER, Ernst. *A necessidade da arte: uma interpretação marxista*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1963.

GRUZINSKI, Serge.; AGUIAR, Rosa Freire d'. *A guerra das imagens: de Cristovão Colombo a Blade Runner (1492-2019)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MILLS, C. Wright. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1959.

PEDROSA, Mario. *Mundo Homem, arte em crise*. São Paulo: 1959.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa; GOUTHIER, Juliana; VENEROSO, Maria do Carmo de Freitas; SANTANA, Sâmara; GONÇALVES, Yacy-Ara Froner; MARTINS, Adriana Amélia Andrade; SANTOS, Adriana Aparecida Oliveira; RABEL. Curso de especialização em ensino de artes visuais. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, c2009. 3v.

SARTRE, Jean Paul. A imaginação. 5.ed. São Paulo: Difel, 1936.